



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

UM *ETHOS*, UMA PESQUISA: [RE]ENCANTANDO A DOCÊNCIA; [RE]VITALIZANDO CORPOS DOCENTES

Adrienne Ogêda Guesdes – UNIRIO
Michelle Dantas Ferreira – UNIRIO/SME-RJ
Edilane Oliveira da Silva – UNIRIO/SME-RJ
Vitória da Silva Bemvenuto Bonifacio – UNIRIO/UERJ
Bárbara Prudente de Almeida Rodrigues – UNIRIO/SME-RJ

RESUMO

A pesquisa-formação¹ aqui proposta objetiva investigar os modos pelos quais as experiências estético-artísticas podem se constituir como dispositivos potentes de ampliação das sensibilidades, compondo um *ethos* de cuidado no campo da formação docente. É também foco deste projeto elaborar, em conjunto com docentes-pesquisadoras/es da Educação Básica do Rio de Janeiro, proposições formativas sustentadas nos princípios do cuidado e da educação estética/ do sensível. Sendo assim, o campo da Educação estética/ do sensível, dos estudos decoloniais e a filosofia da proximidade fundamentam esta pesquisa, que dialoga também como autoras/es que abordam a dimensão da corporalidade, tais como Danilo Patzdorf e Le Breton. Além destes, se relaciona com as ideias democráticas, libertadoras e ineditamente viáveis de Paulo Freire; com a construção de um pensamento crítico, pautado em relações amorosas e ações transgressoras, de bell hooks e uma educação que descolonize e encante, assim como nos aponta Luiz Rufino e Luiz Antônio Simas. Portanto, intencionamos (re)construir orientações para a formação de professoras/es, buscando epistemologias que incluam a dimensão estética na docência e contribuam na constituição de práticas docentes respeitadas, esperançosas, afetivas e potencializadoras da vitalidade humana de todas/os as/os envolvidas/os – adultas/os e crianças –, visto o aumento na quantidade de docentes adoecidas/dos e/ou diagnosticadas/dos com algum tipo de mal-estar atrelado à docência. Apostamos que formações potencializadoras de vida e mobilizadoras de encantamentos, a partir de um olhar cuidadoso para si, podem reencantar a docência e germinar saúde as/aos docentes.

Palavras-chave: Formação Docente, Educação Estética, Pesquisa-formação.

INTRODUÇÃO

Atuar como professor/a na Educação Pública Básica brasileira implica inúmeros desafios. As instituições educativas, e não poderia ser diferente disto, são atravessadas e habitadas por questões que envolvem as desigualdades sociais, as condições e nuances ambientais, políticas, econômicas, os desafios da socialidade e da vida em grupo, as complexidades das tramas familiares, a constituição das subjetividades, dentre tantas outras.

A este respeito, Tiriba (2017) ao refletir sobre as três ecologias que atravessam a existências dos/das sujeitos/as – a saber: mental, social e ambiental –, tendo como referência os estudos de Félix Guattari, indica que o modelo econômico, político e social vigente tem conduzido o mundo e, portanto, culturas e sociedades a um estado de enfermidade e

¹ Pesquisa financiada pela FAPERJ (2024-2026), já cadastrada e aprovada na Plataforma Brasil e na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro.

adoecimento. Nesse sentido, a autora, invocando uma ecologia pessoal, associa que os modos de vida apressados e baseados nas dicotomias “[...] (natureza/cultura; corpo/mente; razão/emoção; ser-humano/natureza; conhecimento/vida; cuidar/educar)” (Tiriba, 2017, p. 79), estão diretamente ligados ao afastamento dos/das sujeitos/as em relação ao mundo natural.

Quanto mais, então, praticamos modos de agir, pensar, educar, socializar, trabalhar e formar afastados de um *ethos* do cuidado, do convívio, da atenção e da proximidade entre nós, humanos, e outros seres, nossa condição, portanto, de pessoa integrada com/no mundo perde força, a ponto de nos conduzir a condições de adoecimento. *Ethos* este que compreendemos em seu sentido etimológico, ou seja, modos de ser que direcionam nosso comportamento em relação a tudo que nos envolve. Um comportamento orientado ao bem-estar da/na sociedade.

Diante disso, é necessário refletir: o quanto os modos pelos quais compreendemos, encaramos e praticamos nossa formação como sujeitos/as no/com o mundo tem agravado esse enfraquecimento? E nossa formação e ação docente? De que forma os processos pedagógicos que desencadeamos se associam a esse adoecimento? E mais: quais possibilidades – e por quais meios – poderíamos potencializar esse *ethos* do cuidado e essa proximidade com a vida na educação?

Afinadas nessa direção, compreendemos que para levar a cabo uma formação docente que possa contribuir para a constituição destas/destes profissionais como sujeitas/os ecológicas/os, é fundamental propor experiências formativas que se sustentem em epistemologias que compreendam que somos seres em que razão, emoção, natureza e cultura se imbricam. Aprendemos sobre o mundo e sobre nós mesmos a partir, não apenas de nossa capacidade racional, mas também, na interconexão com nossa corporeidade, nossos sentidos (Duarte Jr., 2000). Portanto, uma formação docente (inicial e/ou continuada) que se pretenda e se sustente nestas premissas precisa, necessariamente, tocar as sensibilidades, “[andar] em constelação” (Krenak, 2020), ao fomentar o sentido de pertença ao coletivo e a natureza.

Se os desafios para se atuar como professor/a são inúmeros, é importante também reconhecer a educação – e conseqüentemente a formação docente – como um campo de possibilidades, na perspectiva do fortalecimento de um espaço-tempo de exercício democrático, de construção de uma comunidade de aprendizagem (hooks, 2017), do estabelecimento e (re)aproximação de laços de afetividade e pertencimento que possam contribuir para uma ecologia do cuidado (Esquirol, 2015). Uma educação que potencialize as/os indivíduos/os e fortaleça o coletivo.

A esse respeito, o artista e pesquisador Danilo Patzdorf (2021) atribui o adoecimento docente, ao que nomeia como crise da sensibilidade do corpo ocidentalizado, destacando que o sentido de viver para trabalhar e trabalhar para consumir – associado a escassez de tempo para fruição e descanso – nos exaure fisicamente e desgasta nossos recursos éticos, cognitivos e morais, nos conduzindo a um anestesiamento de nossas capacidades de sentirmos a nós mesmos e aos outros, de nos aproximar; nos afastando de nossa tendência biofílica, que se despotencializa (Tiriba, 2017).

Nesse sentido, é necessário que não desistamos de ter a vitalidade, a relação sensível conosco e com o mundo, a alegria para criar uma docência estesiada como direitos fundantes da educação. A este respeito, Simas e Rufino (2019, p. 5) também trazem contribuições relevantes, corroborando a essencialidade e urgência de refletirmos sobre essa crise de anestesia ao afirmarem que “o contrário da vida não é a morte, mas o desencanto”. Na contramão da anestesia, os autores nos convocam a encantar-nos, sensibilizarmos-nos, diariamente, como um imperativo de vida, de transgressão e educação. Para tanto é necessário cuidarmos de nossos corpos e dos corpos que conosco COM-vivem. É isso que propomos e buscamos fomentar em nossa pesquisa.

METODOLOGIA

Os caminhos teórico-metodológicos se sustentam na perspectiva de uma pesquisa-formação (Longarezzi; Silva, 2013) compreendendo que as/os pesquisadoras/es, ao passo que constroem a pesquisa, instigam as ações investigativas, forjam caminhos para que ela se desenvolva, elaboram concomitantemente seus processos formativos agregando em sua trajetória acadêmico, profissional e de sujeito/a social, histórico e político as experiências vividas coletivamente na/com a pesquisa. Além disso, tem como base também as Metodologias Minúsculas (Guedes; Ribeiro, 2019), que têm o compromisso de visibilizar experiências, vozes, histórias de vidas, práticas e movimentos docentes que, geralmente, se mantêm à margem, em uma perspectiva de pesquisa tradicional/ hegemônica. Assim, rompem com a “normativa do método enquanto cientificidade, e reforçam a importância das multiplicidades, da diferença, da polifonia, do diálogo.” (Guedes; Ribeiro, 2019), interessando-se nos detalhes, nas miudezas que emergem das instituições educacionais, dos percursos formativos, que possibilitam investigações autênticas, potentes, únicas, singulares.

As pesquisas que empreendemos mantêm um caráter de construção coletiva em que há uma permanente retroalimentação entre as experiências advindas da prática docente e o campo teórico. Desse modo, a pesquisa tem se desenvolvido a partir de encontros semanais sistemáticos com vistas a, a partir dos estudos e partilhas, tomar nossas experiências profissionais vividas nos espaços de trabalho em diálogo com os estudos previstos pela pesquisa, refletir, elaborar e experimentar proposições formativas estético-artísticas a serem dinamizadas em distintos espaços formativos. A partir da criação desse manancial de proposições formativas, ofertaremos no segundo semestre de 2024 dois cursos de extensão que serão realizados na universidade sede da pesquisa, voltados para docentes da rede pública do Rio de Janeiro e para estudantes de graduação do curso de Pedagogia na modalidade EAD do convênio Cederj, com proposições estético-artísticas, ancoradas nos estudos do campo da Educação Estética/educação do sensível, de modo a compor um percurso formativo construído a partir do diálogo do que pulsa no cotidiano das instituições e espaços de criação e a Educação Estética.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa – processo de criação das proposições, realização dos cursos – serão analisados em equipe, gerando artigos para publicização. Fará parte também desse percurso metodológico, o levantamento, a título de amostra, das condições de saúde e trabalho docente, a partir de uma Formulário online a ser compartilhado de diferentes modos. Faremos também, rodas de conversas com egressos dos cursos que já ofertamos em períodos anteriores, que poderão também nos fornecer pistas sobre os impactos e reverberações das experiências propostas, subsidiando a criação destas proposições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que no contexto destacado de perda da sensibilidade, de desencanto, em meio às crises ambientais, éticas e políticas, é fundamental construir possibilidades formativas que possam tensionar esse estado de coisas, abrindo espaços-tempos de experimentação de modos de ser e viver em coletivo, sustentados por um *ethos* do cuidado, que incrementem a potência inventiva do humano, que colaborem para uma maior integração entre dimensões que têm sido dissociadas e invisibilizadas (corpo e mente, afetividade, sensibilidade). Apostamos na potência das experiências que envolvem a criação e as artes como

fomentadoras do encantamento da educação, do fortalecimento do sentido de pertencimento e da vitalidade; assim como na dimensão política da atenção à vida cotidiana, ao coletivo, que nos permitam tecer redes de solidariedade e conexão com a vida e o mundo.

Concebemos a Arte, não como aquela que reforça paradigmas coloniais, mas a que conversa com nossas subjetividades criativas e convida à experimentação. O processo de encantamento necessita das artes para permitir a reconexão entre o sensível, o imaginário e o racional, pois ela está ligada à nossa capacidade de criação e de expressão de nós mesmos para com o mundo. Nesta perspectiva, investigar dispositivos de formação que possam contribuir para tensionar as dissociações e perdas de sentido vitais é fundamental e urgente.

REFERÊNCIAS

DUARTE JÚNIOR, J. F.. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

ESQUIROL, J. M.. **La resistencia íntima, Ensayo de una filosofía de la proximidad**. Barcelona: Acantilado, 2015.

GUATTARI, F.. **As três ecologias**. 13. ed. São Paulo: Papyrus, 2024.

GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T. (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: Ayvu Editora, 2019.

HOOKS, B.. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KRENAK, A.. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LONGAREZI, A. M.; SILVA, J. L. da.. Pesquisa-formação: um olhar para a sua constituição conceitual e política. **Revista Contrapontos**, v. 13, n. 3, p. 214-225, 2013. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/4390>. Acesso em: 14 jun. 2024.

PATZDORF, D.. **Pequeno manual de autocuidado para corpos esgotados**. 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/52447603/PEQUENO_MANUAL_DE_AUTOCUIDADO_PARA_CORPOS_ESGOTADOS. Acesso em: 9 jun. 2024.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L.. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L.. **Encantamento: sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

TIRIBA, L.. Educação Infantil como direito e alegria. **Laplage em Revista**, v. 3, n. 1, p. 72-86, 2017.